

Manejando as agroflorestas do Assentamento Mário Lago: a prática agroecológica como concreticidade de um novo sistema de conhecimento
Handling the agroforests of the Mario Lago Rural Settlement: the agroecological practice as a new knowledge system concreteness

ZONETTI, Vitor Moretti¹

¹Universidade de São Paulo (USP) e *Universidad Nacional de Colombia* (UNAL),
vitorzonetti@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O trabalho é a atividade inerentemente humana de transformação da natureza e do mundo. Assim sendo, as experimentações cotidianas das multidões agroecológicas são os processos responsáveis por subjetivar e objetivar a Agroecologia. Ao investigar o Projeto Manejo Agroflorestal de forma participativa, pôde-se observar a concreticidade de um sistema de conhecimento em desenvolvimento histórico no Assentamento Mário Lago, cujas agroflorestas são a forma do conhecimento local.

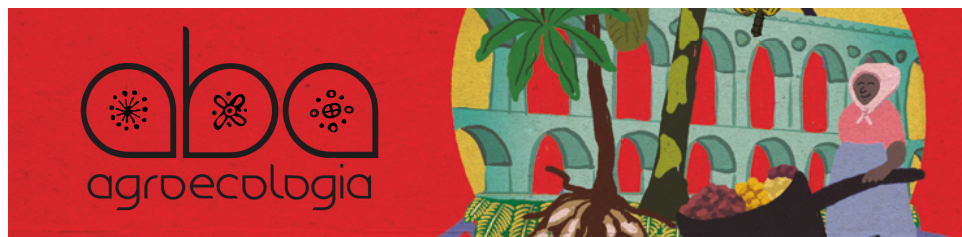
Palavras-chave: dialética; pedagogia camponesa agroecológica; teoria da atividade.

Introdução

O campesinato agroecológico se contrapõe ao agronegócio ao se subjetivar e se objetivar a partir do desenvolvimento de novas bases epistemológicas. Estas, mesmo que resgatando sistemas de conhecimento tradicionais (ALTIERI, 2009), dialogam com as ciências institucionalizadas que atualmente conformam o arcabouço multidisciplinar da Agroecologia, compondo novas particularidades ao campesinato. Giraldo (2022) apresenta o conceito de multidões agroecológicas, justamente por perceber os inúmeros sistemas sociais que colaboram com saberes e viveres à multidisciplinaridade da Agroecologia.

As multidões agroecológicas formam a base social da Agroecologia que, evidentemente, englobam uma ampla diversidade de sistemas de conhecimentos a partir de suas próprias ontologias. A historicidade dos inúmeros grupos sociais se encontram no que pode ser considerado um projeto de uma ontologia-outra; um projeto transdisciplinar no qual distintas temporalidades dialogam conhecimentos no espaço onipresente do único-mundo da modernidade. Sendo assim, é no contexto de um movimento social que a dimensão científica da Agroecologia e seus princípios técnicos e práticos encontram o movimento histórico e superam análises metafísicas.

Neste sentido, considera-se que a metodologia camponês(a) a camponês(a) (CaC), como teorizado por Holt-Giménez (2006), é a forma do movimento das práticas e dos conhecimentos agroecológicos desde a sua base social camponesa. Destaca-se, então, a centralidade das estruturas teóricas advindas das práticas



autônomas no campo, desenvolvidas e criadas por agricultoras e agricultores na cotidianidade do trabalho. Como apresentado por Giraldo (2022), são as pedagogias enraizadas no lugar de vida do campesinato que caracterizam as multidões agroecológicas.

A partir do escrutínio da base social da Agroecologia, encontra-se, enfim, o quadro teórico e prático da Pedagogia Camponesa Agroecológica como nomeado por Barbosa e Rosset (2017). É pelo conhecimento estruturado nas experiências pedagógicas localizadas que o campesino impulsiona historicamente a Agroecologia, sendo necessário, portanto, teorizá-las e acompanhá-las de forma participativa. Neste contexto, apresenta-se uma discussão sobre o Projeto Manejo Agroflorestal que ocorreu ao longo do ano de 2022 no Assentamento Mário Lago, este localizado no município de Ribeirão Preto, no interior paulista.

Metodologia

Na “Dialética da Natureza” (ENGELS, 2020), Friedrich Engels demonstra que as ciências naturais são sistemas de conhecimento que possuem seus próprios modos de movimento. O desenvolvimento da vida no Planeta Terra a partir das premissas da teoria da evolução das espécies, evidencia que o mundo natural se transforma constantemente ao longo do tempo. Somente assim, fora possível o surgimento de estruturas biológicas desde as mais simples até as mais complexas como os próprios seres humanos; e o consequente surgimento da razão.

Como expressão particular da adaptação das espécies, a adaptação humana ao ambiente natural, resultou no surgimento das mãos, ferramentas estas como as mais bem acabadas para o trabalho. Por sua vez, o trabalho tem sido a atividade inerentemente humana de transformação da natureza que, dialeticamente, lhe apresenta o mundo antropomorficamente objetivado, no qual e a partir do mesmo, os seres humanos impulsionam as suas próximas etapas evolutivas e a própria história. (ENGELS, 2020)

Além disso, Engels (2020) demonstra como a dialética é a lógica que revela o movimento dos corpos e o fluxo da vida, bem como a que evidencia a transição de um sistema de conhecimento para outro. Como ilustração, a interdisciplinaridade entre a Agronomia e a Ecologia, como forma originária da Agroecologia, se deu justamente pela necessidade de ambos arcabouços científicos colaborarem mutuamente com suas especificidades e insuficiências ao explicar os fenômenos em estudo (WEZEL *et al.*, 2018).

São justamente os conceitos estruturados pelas ciências que compõem os sistemas de conhecimento e que categorizam as estruturas da vida. São destas mesmas abstrações teóricas que se inicia a predicação do mundo, bem como a compreensão das leis fundamentais do movimento. Para a dimensão conceitual e da predicação do mundo objetivado, Ilyenkov (2008) a denominou como o Ideal.



Este, portanto, sendo a subjetivação do mundo historicamente objetivado em sociedade.

Para Ilyenkov (2008), o materialismo dialético em muito se baseia nos pressupostos de Spinoza, sobretudo na superação da dualidade cartesiana. Neste caso, o ideal e a objetividade não são dualidades ou estruturas distintas, mas são complementares; são abstrações do fundamental movimento da vida. Deste modo, a lógica dialética é capaz de se desvincular da leitura de conceitos represados em sistemas isolados e compreender as causas do movimento.

Ainda na contextualização metodológica, sobretudo na concepção do trabalho como atividade inerentemente humana, argumenta-se que o conhecimento somente é concretizado pela prática. O impulso individualmente animado é, de fato, o elemento que entrega o movimento daquilo que se pratica, entretanto, somente quando esta ação possui necessidade e aceitação coletiva, a mesma é transformada em uma prática social se elevando ao nível de um sistema de conhecimento. A ação individual entrega impulso ao movimento, mas somente a prática socialmente objetivada e idealizada é capaz de produzir história. (SURMAVA, 2010)

À luz dos referidos marcos teóricos e metodológicos, considera-se que a estruturação de sistemas de conhecimento advindos de experiências camponesas, somente é possível pela participação direta em processos pedagógicos localizados. Sendo assim, a observação-participante foi utilizada como método de coleta de dados para a presente discussão, sendo esta realizada pela participação direta do presente pesquisador nos processos de ensino e aprendizagem do referido objeto de estudo.

Resultados e Discussão

O Assentamento Mário Lago é um território do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que fora homologado em 2007 como parte do Programa de Desenvolvimento Sustentável (PDS) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), por se situar em uma área de recarga do Aquífero Guarani no município de Ribeirão Preto, no interior paulista. Dessa forma, foi intencionado um assentamento agroecológico desde sua gênese, tema este que já fazia parte dos debates ainda nos anos de ocupação da Fazenda da Barra.

Além da influência do próprio movimento e de assentamentos vizinhos para se eleger os Sistemas Agroflorestais (SAF) como agroecossistemas preferenciais, a área média de aproximadamente um hectare por lote também fora um condicionante. Foi necessário utilizar uma técnica de agricultura da qual é possível obter uma produção satisfatória em um relativo pequeno espaço, se comparado aos moldes da produção latifundiária. Em uma pesquisa sobre a origem das agroflorestas do Assentamento Mário Lago, uma das lideranças expôs que uma



vantagem destes sistemas é a sua verticalização e possibilidade de serem cultivados em minifúndios. (ZONETTI, 2019)

Mesmo que algumas unidades familiares ainda não cultivam agroflorestas, de fato, estes agroecossistemas se tornaram na identidade produtiva do assentamento. Diversos processos de formação já foram realizados no local, incluindo o Projeto Agroflorestar (ZONETTI, 2019) que fora o projeto responsável pela implantação desses sistemas e, recentemente, mais precisamente ao longo de 2022, houve o desenvolvimento do Projeto Manejo Agroflorestal, nosso objeto de discussão.

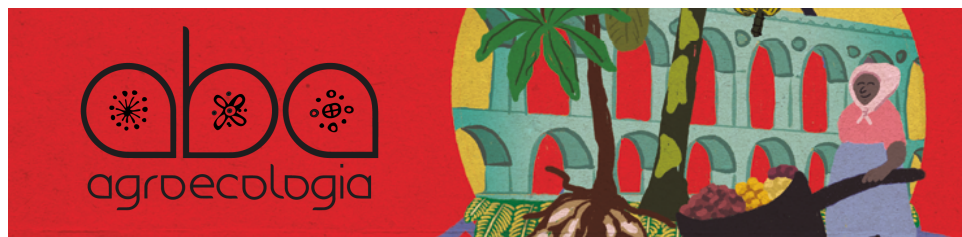
Este projeto foi dividido em quatro etapas fundamentais desenvolvidas no início de cada trimestre do ano. O presente autor participou das atividades desenvolvidas no Assentamento Mário Lago durante cinco dias consecutivos no início do mês de maio. Nossa participação se deu como parte de nossa pesquisa de doutoramento, ao acompanhar os referidos processos de ensino e aprendizagem de forma participativa, cuja condução foi de responsabilidade do agricultor agroflorestal Namastê Messerschmidt, técnico responsável do projeto.

O projeto fora possível pelo financiamento do Instituto Nova Era de Desenvolvimento Socioambiental (INE), uma organização da sociedade civil (OSC) do terceiro setor com sede em Ribeirão Preto que redireciona recursos para projetos de agriculturas consideradas regenerativas. Dessa forma, o Projeto Manejo Agroflorestal fora capitalizado com o objetivo de desenvolver o conhecimento especificamente sobre o manejo de agroflorestas que se encontram em estágio avançado no referido assentamento, além de receber novos interessados nesta prática.

Os processos de ensino e aprendizagem ocorreram em forma de mutirões formados por agricultoras e agricultores do assentamento, outras e outros Sem Terras de assentamentos da região, além de pessoas interessadas sobre o tema. O primeiro dia foi direcionado para visitas técnicas aos lotes a serem manejados, bem como para arranjos institucionais do assentamento como o recebimento de visitantes nas acomodações do Centro de Formação Sócio-Agrícola “Dom Hélder Câmara”.

Em dois dias específicos, as dinâmicas aconteceram em lotes individuais de duas famílias assentadas. Nestes dias, as necessidades de manejo de cada agrofloresta foram compartilhadas pelas agricultoras e pelos agricultores com aportes de conhecimento de algumas lideranças do assentamento, de agricultores do Instituto Nova Era e, principalmente, do técnico responsável. Nos outros dois dias, houve a participação direta da população de Ribeirão Preto no manejo das agroflorestas do centro de formação e da área coletiva da Brigada “Ana Primavesi”.

Estes processos de ensino e aprendizagem ocorreram no contexto da Pedagogia Camponesa Agroecológica como conceituado por Barbosa e Rosset (2017), uma vez que, mesmo seguindo a condução do conhecimento pelo técnico responsável, a



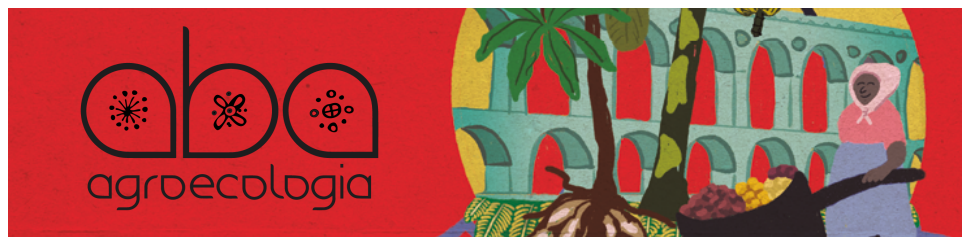
troca de saberes entre os participantes fora uma característica central. Mesmo em paradas corriqueiras para se ajustar alguma ferramenta ou para uma breve reflexão, o diálogo para dicas entre os participantes, definitivamente, impulsionavam os manejos.

Demais, o conhecimento sobre agroflorestas perpetuado no Assentamento Mário Lago em muito seguem a estrutura conceitual e prática difundida pela Agricultura Sintrópica e outros sistemas de conhecimento populares (NETO et al. 2016), mesmo que protagonizando a experiência, a inventividade e a intuição das agricultoras e dos agricultores locais. Conceitos como sucessão ecológica e estratificação, bem como práticas de policultivos e incorporação de matéria orgânica no solo por meio de podas de árvores, compuseram os mutirões.

Os manejos dos sistemas sempre foram acompanhados por abordagens para orientações do técnico responsável, bem como para aportes daquelas e daqueles com experiência. Destacam-se a contemplação coletiva sobre os manejos agroflorestais (figura 1) como momentos fundamentais para o planejamento do trabalho coletivo e para a condução da ação individual. Assim, evidencia-se a dialética entre as possibilidades de manejo dadas pelos próprios agroecossistemas objetivados e a subjetivação dos conceitos agroflorestais no processo de trabalho.



Figura 1 – Contemplação e planejamento do trabalho coletivo.



Conclusões

As agroflorestas do Assentamento Mário Lago podem ser consideradas tanto os sistemas produtivos que sustentam economicamente suas agricultoras e seus agricultores, como também os instrumentos de concretização da Agroecologia. Mesmo que se iniciando em conceitos agronômicos e ecológicos como fundamento epistemológico, o manejo intencional destes sistemas possibilitam novos processos inventivos. Destaca-se ainda, que as agroflorestas locais representam a historicidade da intenção do trabalho humano dialeticamente subjetivado e objetivado na estrutura biológica destes agroecossistemas.

Agradecimentos

Agradeço profundamente ao povo Sem Terra do Assentamento Mário Lago por proporcionar o acesso ao conhecimento agroecológico à toda população de Ribeirão Preto e região. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

BARBOSA, Lia Pinheiro; ROSSET, Peter Michael. Educação do Campo e Pedagogia Camponesa Agroecológica na América Latina: aportes da La Via Campesina e da CLOC. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 140, p. 705-724, 2017.

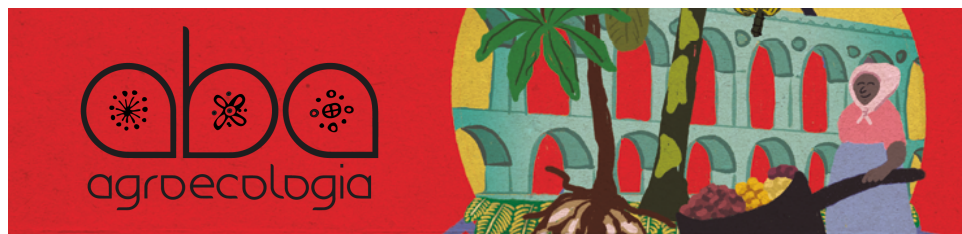
ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. Tradução: Nélío Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. 398 p.

GIRALDO, Omar Felipe. **Multitudes agroecológicas**. 1 ed. Ucu: Universidad Nacional Autónoma de México, 2022. 290 p.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Campesino a campesino: voices from Latin America's Farmer to Farmer Movement for Sustainable Agriculture**. 1 ed. Oakland: Food First Books, 2006. 226 p.

ILYENKOV, Evald Vasilyevich. **Dialectical Logic: Essays on its History and Theory**. Tradução: H. Campbell Creighton. 1 ed. Delhi: Aakar Books, 2008.

NETO, Nelson Eduardo Corrêa; MESSERSCHMIDT, Namastê Maranhão; STEENBOCK, Walter; MONNERAT, Priscila Facina. **Agroflorestando o mundo de facão a trator**. 1 ed. Barra do Turvo: Cooperafloresta, 2016. 177 p.



SURMAVA, Alexander V. Ilyenkov and the Revolution in Psychology. **Russian Studies in Philosophy**, v. 4, n. 48, p. 32-62, 2010.

ZONETTI, Vitor Moretti. **O desenvolvimento do projeto Agroflorestar no Assentamento Mário Lago**: dos processos de aprendizagem à transformação da atividade. 2019. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.100.2019.tde-24042019-194155>. Acesso em: 2 jun. 2023.

WEZEL, Alexander *et al.* Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for sustainable development**, v. 29, p. 503-515, 2009.